

# Percepções sobre a Docência na Pandemia: Trocas entre Professoras Iniciantes e Experientes no Programa Híbrido de Mentoria

## *Perceptions about Teaching in Pandemic: Exchanges between Beginning and Experienced Teachers in a Mentoring Program*

ISSN 2177-8310  
DOI: 10.18264/eadf.v10i3.1278

**Bruna Cury de Barros<sup>1</sup>**  
**Carolina Marini<sup>1</sup>**  
**Aline Maria de Medeiros**  
**Rodrigues Reali<sup>1</sup>**

<sup>1</sup> Universidade Federal de São Carlos.  
Rodovia Washington Luís, km 235 -  
SP-310 - São Carlos, São Paulo - Brasil.  
\*[brunacury.b@gmail.com](mailto:brunacury.b@gmail.com)

### Resumo

Em função da pandemia da COVID-19, professores das escolas brasileiras estão enfrentando diversos tipos de dificuldades que nunca haviam experienciado. A partir de tal situação, professoras experientes, que atuam como mentoras no Programa Híbrido de Mentoria, trabalham no sentido de se reinventar como docentes perante o distanciamento social e, ao mesmo tempo, auxiliar professores iniciantes (PIs) a lidar com os desafios deste período. Apresenta-se neste trabalho trocas entre três mentoras da educação infantil e suas PIs em um espaço virtual, sobre experiências, práticas pedagógicas e sentimentos referentes ao período da pandemia. Dentre as principais dificuldades citadas pelas participantes, destacam-se: manter contato com as crianças e suas famílias; desigualdade de acesso aos recursos tecnológicos; desenvolvimento de educação remota para crianças pequenas. A iniciativa das mentoras em realizar um encontro virtual com as PIs aponta a relevância de espaços para conversas entre pares, principalmente durante a pandemia, em que docentes experientes e iniciantes vivenciam sentimento de isolamento e intenso processo de aprendizagem sobre o que é ser docente nesse cenário.

**Palavras-chave:** Aprendizagem da docência. Mentoria. Pandemia.



Recebido 13/ 11/ 2020  
Aceito 16/ 12/ 2020  
Publicado 17/ 12/ 2020

### COMO CITAR ESTE ARTIGO

**ABNT:** BARROS, B. C. DE; MARINEI, C.; REALI, A. M. M. R. Percepções sobre a Docência na Pandemia: Trocas entre Professoras Iniciantes e Experientes no Programa Híbrido de Mentoria. **EaD em Foco**, v. 10, n. 3, e1278, 2020. DOI: <https://doi.org/10.18264/eadf.v10i3.1278>

## ***Perceptions about Teaching in Pandemic: Exchanges between Beginning and Experienced Teachers in a Mentoring Program***

### *Abstract*

*Due to the COVID-19 pandemic, teachers in Brazilian schools are facing several types of difficulties that they had never experienced. Based on this situation, experienced teachers, who act as mentors in a mentoring program based on blended learning, work to reinvent themselves as teachers in the face of social distancing and, at the same time, help beginning teachers (PIs) to deal with the challenges of this period. This paper presents exchanges between three mentors of early childhood education and their PIs in a virtual space, about experiences, pedagogical practices and feelings related to the pandemic period. Among the main difficulties cited by the participants, the following ones stand out: maintaining contact with children and their families; inequality of access to technological resources; development of remote education for young children. The mentors' initiative to hold a virtual meeting with the PIs points out the relevance of spaces for conversations between peers, especially during the pandemic, in which experienced teachers and beginners experience a feeling of isolation and intense learning process about what it means to be a teacher in this scenario.*

**Keywords:** *Teacher learning. Mentoring. Pandemic.*

## 1. Introdução

Compreende-se que os primeiros anos na docência constituem-se como um momento de intensas vivências ao professor (VAILLANT; MARCELO, 2015), marcadas, muitas vezes, pelo enfrentamento de dificuldades e desafios e pelo isolamento no desempenho de tarefas relacionadas ao ensinar e atuar de maneira profissional na comunidade escolar (REALI; TANCREDI; MIZUKAMI, 2008). Neste sentido, pesquisadoras da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar) desenvolveram o Programa Híbrido de Mentoria (PHM), isto é, um programa de indução à docência financiado pela FAPESP (Processo nº 2016/25412-8) que auxilia professores com menos de cinco anos de docência das etapas da Educação Infantil (EI), Anos Iniciais e Educação de Jovens e Adultos, a enfrentar dificuldades advindas do contexto de trabalho. A mentoria é oferecida por professoras que possuem mais de 10 anos de carreira (as mentoras) por meio de atividades propostas às professoras iniciantes (PIs) no Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA) do site Portal dos Professores e por interações frequentes estabelecidas em outros recursos, como *WhatsApp*, *Skype* etc.

O grupo de pesquisa do PHM oferece uma formação inicial e continuada às mentoras por meio de encontros presenciais semanais na universidade e atividades propostas no AVA. Entretanto, em função da pandemia do novo Coronavírus (COVID-19) e início da quarentena, todos os encontros presenciais foram substituídos por virtuais, pelo *Skype*. Porém, não foi somente o desenvolvimento do programa que sofreu modificações. Percebeu-se que esta situação estava gerando diferentes tipos de tensões às participantes do PHM: as PIs relatavam não saber como desenvolver o seu trabalho na situação da pandemia e as mentoras, ao atuarem – ao mesmo tempo – como formadoras e professoras, também enfrentavam os desafios do ensino remoto na Educação Básica bem como as inseguranças, dúvidas e conflitos sobre como auxiliar as iniciantes neste cenário.

No caso específico da EI – foco deste artigo – as mentoras traziam à tona um desafio a mais. De acordo com as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (DCNEI) (BRASIL, 2009), as práticas pedagógicas nesta etapa devem ter como eixos norteadores as interações e brincadeiras, propiciando que a criança explore o mundo por meio das mais diversas linguagens. Mas, como fazer isso em um momento que exige o distanciamento social? Como orientar as PIs se as próprias mentoras também tinham dúvidas e inseguranças sobre como manter o contato com as crianças e suas famílias e, ao mesmo tempo, dar continuidade ao trabalho pedagógico a distância?

Essa situação-problema mobilizou as três mentoras da EI do PHM – Nara, Cláudia e Joana – a realizarem um encontro virtual em conjunto com as suas PIs. A reunião tinha como objetivo compartilhar experiências pessoais e profissionais frente ao isolamento social (relativas a ensinar crianças pequenas), além de coletar informações sobre as dificuldades das PIs e como as redes de ensino estavam se reorganizando neste período de isolamento social. Após a realização deste encontro, as formadoras Nara, Cláudia e Joana relataram as percepções desta experiência em uma reunião por *Skype* com a equipe de pesquisa e outras mentoras integrantes do PHM.

Considerando essa situação, neste artigo objetiva-se analisar as trocas realizadas entre mentoras e PIs da EI – em um espaço síncrono virtual – sobre as dificuldades experienciadas por elas na pandemia bem como as estratégias de enfrentamento utilizadas neste período.

Os dados apresentados referem-se a narrativas orais e escritas de 10 PIs e das três mentoras da EI registradas em duas reuniões virtuais realizadas no *Skype* e conversas no *WhatsApp*. Com o propósito de atingir o objetivo desta pesquisa, foram estabelecidos os seguintes eixos de análise: i. o movimento das mentoras da EI em planejar e organizar uma reunião coletiva com todas as PIs; ii. como se deu a reunião entre as mentoras da EI e PIs, considerando as suas dificuldades, sentimentos, ações desenvolvidas durante a pandemia; iii. a percepção das mentoras sobre a reunião com as iniciantes. Para realizar o diálogo com os dados, parte-se de fundamentos teóricos relacionados à aprendizagem e desenvolvimento profissional docente, ao trabalho pedagógico na EI e ao ensino remoto na pandemia.

## 2. A complexidade da docência: aprendizagens frente aos desafios do contexto atual

Apesar de se imaginar que durante a formação inicial o professor irá adquirir todas as competências e ferramentas necessárias para o desempenho de sua função, tal fato não é viável, pois saber ensinar é uma atividade complexa e envolve a aprendizagem e desenvolvimento contínuo de um conjunto de conhecimentos, habilidades, atitudes, valores. O professor constrói o seu saber profissional pela integração dos conhecimentos teóricos na prática e nas respostas às demandas advindas do contexto de trabalho, seja referente à organização da prática pedagógica, currículo, mediação de conflitos com os alunos etc. Desta forma, mesmo tendo realizado um curso de licenciatura bem qualificado, professores tendem a enfrentar diferentes tipos de desafios decorrentes da própria natureza do ensino (BECA; BOER, 2020).

No caso daqueles que estão iniciando a carreira, além de terem que aprender a ensinar enquanto ensinam, ainda vivenciam mais intensamente as dificuldades da docência. De acordo com a literatura (LIMA, 2004; VAILLANT; MARCELO, 2015; ALMEIDA et al, 2020; BECA; BOER, 2020), por ainda desconhecer a realidade da sala de aula, o PI pode se sentir inseguro, desafiado, frustrado, em conflito e com dúvidas ao ter que enfrentar situações-problemas e imprevistos que colocam os seus conhecimentos à prova e exigem tomadas de decisões para solucioná-las. As dificuldades que podem provocar desequilíbrio emocional no PI são variadas: indisciplina dos alunos, falta de materiais, condições precárias da escola, não conseguir dar a aula que havia planejado, relação com as famílias, falta de organização do tempo etc.

Há ainda outros aspectos que afetam direta e/ou indiretamente o trabalho docente, como a influência das “transformações econômicas, sociais e culturais em curso na sociedade contemporânea” (ANDRÉ et al, 2010, p.128). Nesse sentido, aspectos inesperados e/ou imprevistos também podem afetar a sociedade. A exemplo dessa situação, desde março de 2020, a docência no Brasil é afetada pela pandemia da COVID-19. Assim, professores de diferentes etapas de ensino enfrentam um novo cenário socioeducativo, cujas consequências ainda estão sendo descobertas (BECA; BOER, 2020).

No caso de professores em início de carreira, se antes da pandemia eles vivenciavam as dificuldades típicas deste período de maneira solitária, sem nenhum tipo de apoio ou acompanhamento (BECA; BOER, 2020), com o distanciamento social isso pode ter se intensificado. Uma forma de amenizar essa realidade e oferecer ao iniciante apoio específico para o enfrentamento das demandas do trabalho (ALMEIDA et al, 2020) seria a parceria “com os pares – dentro e fora da escola – de forma a aprender com os sucessos, fracassos, os erros e as falhas e a partilhar ideias e conhecimentos” (MIZUKAMI et al, 2010, p. 72). Esse apoio pode acontecer por meio de iniciativas que visem a indução à docência, como no PHM em que mentoras acompanham e oferecem orientações aos PIs.

Para que seja possível proporcionar essa troca entre pares, bem como oferecer apoio e auxílio a demandas formativas, é necessário que mentoras e PIs interajam e estabeleçam diálogos sobre aspectos relativos à docência. Nesse sentido, a *internet* proporciona a criação de espaços onde é possível desenvolver a mentoria de maneira *on-line* ou híbrida. No caso do PHM, por exemplo, adotou-se a *internet* como sendo o principal ambiente de interação, o que implica na adoção de narrativas escritas como ferramenta de aprendizagem tendo a escola e a docência como focos (MIZUKAMI; REALI, 2019). O uso da internet na elaboração de práticas de mentoria torna possível construir um conjunto de atividades ajustadas às necessidades formativas do PI, favorece o atendimento às participantes de maneira remota – já que não é preciso deslocamento – e minimiza o sentimento de isolamento docente (REALI; TANCREDI; MIZUKAMI, 2008; MIZUKAMI; REALI, 2019).

Para conseguirem prestar esse auxílio às demandas formativas dos PIs, além dos anos de experiência na docência, as mentoras devem apresentar autonomia, expertise, capacidade de adaptação e terem uma formação específica a fim de desenvolverem um conjunto de conhecimentos e habilidades relativas a ensinar a ensinar (VAILLANT; MARCELO, 2015; MIZUKAMI; REALI, 2019; BECA; BOER, 2020). Assim, a mentoria oportuniza aprendizagem e desenvolvimento profissional de maneira mútua entre professor iniciante e experiente. Neste sentido, ao mesmo tempo em que mentoras oferecem assistência a profissionais que estão iniciando a carreira, elas também estão aprendendo (MIZUKAMI; REALI, 2019).

A mentoria na situação da pandemia evidenciou ainda mais o fato de que professores - independente do tempo de carreira – estão em um constante processo de aprendizagem. Embora as professoras experientes do PHM atuem há cerca de três anos como mentoras – via *internet* – na formação das iniciantes, elas também enfrentam diferentes dificuldades frente a intensas mudanças e necessitam de apoio, em específico em sua atuação como docentes na EI e formadoras. Em meio a essa vivência inédita e desconhecida, esses profissionais estão tendo que aprender a adequar o seu fazer, trocar de estratégias e reorganizar a sua prática de forma a contemplar as novas necessidades apresentadas pelos estudantes e instituições de ensino (ANDRÉ et al, 2010). Em relação às professoras experientes que atuam também como mentoras, cabe ainda problematizar de que maneira acompanharão os PIs em um contexto em que estão tendo que lidar com problemas relacionados às adaptações curriculares, ao desenvolvimento de novas formas de ensinar, de se relacionar com as famílias dos alunos, dentre outros aspectos que estão impactando o trabalho docente (BECA; BOER, 2020).

Mesmo que a tecnologia seja uma aliada neste período no sentido de “ofertar acesso temporário aos conteúdos curriculares que seriam desenvolvidos presencialmente” por meio do ensino remoto (RONDINI, PEDRO, DUARTE, 2020, p. 43), ainda assim professores iniciantes e experientes necessitam de tempo para aprender sobre o uso de tecnologias no ensino, sobre a aprendizagem de seus alunos, sobre a orga-

nização de suas aulas, e também para refletir sobre as suas práticas pedagógicas e promover mudanças necessárias que contemplem as exigências do contexto social atual (MIZUKAMI *et al*, 2010). Isto é, para ensinar por meio da *internet* é necessário um novo modelo de professor capaz de gerir momentos de ensino e aprendizagem, procurar informações, instigar a participação e diálogo com os estudantes, promover momentos de reflexões, articular ideias variadas (REALI; TANCREDI; MIZUKAMI, 2008). Portanto, “os professores devem aprender a trabalhar em ambientes dinâmicos que se alteram e nos quais os conhecimentos se constroem a partir de diferentes fontes e perspectivas” (REALI; TANCREDI; MIZUKAMI, 2008, p. 88).

Somado a isso, salienta-se também os limites do ensino remoto em relação às peculiaridades de cada etapa de ensino. Mais precisamente, no caso da EI, deve-se considerar que as funções de cuidar e educar estabelecem-se como fundamentais e indissociáveis nesta etapa e as práticas devem ter como eixos norteadores as interações e brincadeiras (BRASIL, 2009). Neste sentido, o contexto do isolamento social causa impactos consideráveis para essas funções. Afinal, se as crianças estão em casa com suas famílias, então não há como as professoras atuarem de forma a contemplar essas especificidades. Além disso, o ensino a distância também não é indicado para a primeira infância, pois crianças pequenas só podem ser expostas a telas de celulares, TVs e computadores durante o tempo máximo de uma hora diária (Comitê Científico do Núcleo Ciência Pela Infância, 2020).

Caminhos estão sendo construídos para tentar dar prosseguimento aos processos educativos desenvolvidos na EI, seja em instituições públicas ou privadas de ensino. Compreende-se, assim, que esta etapa enfrenta um desafio institucional: como trabalhar com as crianças se elas não estão na escola, mas sim, dentro de suas casas com suas famílias, na esfera doméstica (KRAMER, 2020).

Dependendo do referencial e concepção de infância, de educação, docência e escola, cada instituição está adotando diferentes condutas para lidar com o ensino remoto na EI: “há as que mandam ‘deveres’ e aquelas que têm uma visão de Educação Infantil como formação cultural, assumem seu dever, sua obrigação, e interagem de outra forma, com a arte, a cultura, a literatura” (KRAMER, 2020, p.789).

Segundo Kramer (2020, p. 789) a busca por continuar a trabalhar institucionalmente, enviando ou sugerindo para as famílias a realização de atividades em casa, pode ser vista como sendo “certo abuso de poder quando as escolas e as profissionais julgam que sabem melhor do que as famílias o que precisa ser feito no âmbito da Educação Infantil”. Pois é necessário levar em consideração que família e escola possuem funções próprias e distintas, não sendo possível “a reprodução, no ambiente familiar, de práticas vivenciadas na escola das infâncias” (MACEDO; PESSANHA; ALENCAR, 2020, p. 5).

A distinção entre a escola e a família tornou-se mais evidente em tempos de pandemia, uma vez que o isolamento social e a necessidade de se trabalhar remotamente tornaram mais claros alguns aspectos que mostram o quão importante é a presença da escola na vida das crianças, em especial na primeira infância, assim como de outros aspectos:

a insubstituível presença de professores e de professoras que não podem ser substituídos(as) por quem não está preparado para isso e menos ainda por sistemas tecnológicos autoprogramáveis e executáveis; a inescusável necessidade de formar os e as docentes atuantes nas escolas para que possam ser os e as docentes que desejam ser; [...] a impossibilidade de se fazer escola sem corpos presentes [...] a importância de a escola ter um espaço próprio, separado, apartado das outras instituições sociais (KOHAN, 2020, p.5)

Diante desse cenário, é necessário que a escola e família criem dispositivos de escuta, com a finalidade de estabelecer uma relação de afetividade e confiança que propicie o bem-estar de todos os sujeitos

envolvidos nesse contexto. Desta forma, a pandemia e seu impacto na educação também desafiam os professores a (re)pensar sobre essas relações, sobre a forma como elas vinham sendo construídas antes do isolamento social e como serão (re)estabelecidas quando as atividades presenciais forem retomadas (MACEDO; PESSANHA; ALENCAR, 2020).

### 3. Contextualizando a Pesquisa

O presente trabalho se refere a um dos estudos realizados a partir do desenvolvimento da pesquisa-intervenção “Desenvolvimento profissional docente de professores experientes e iniciantes: Programa Híbrido de Mentoria (PHM)” (2017-2021). O PHM possui caráter construtivo-colaborativo, em que as relações entre os participantes são horizontais, isto é, não se caracterizam de forma hierárquica. Como “na formação e atuação de mentores destaca-se a reflexão entre pares – professores iniciantes e mentores [...], de mentores e mentores e entre mentores e pesquisadores – é possível a construção de uma cultura colaborativa” (MIZUKAMI; REALI, 2019, p.121).

As interações e atividades desenvolvidas com e entre as participantes do PHM acontecem de maneira híbrida; neste sentido, há a articulação entre atividades presenciais e a distância sendo uma a extensão da outra (BRITO, 2020), sempre entre uma mentora e uma PI - compondo uma díade. Para a formação inicial e continuada das mentoras, o programa realizava reuniões presenciais toda semana na UFSCar com a equipe de pesquisa, além das atividades formativas propostas no AVA voltadas para a atuação das formadoras. Com relação às PIs, o principal meio de interação com as suas mentoras acontece pelo AVA - ambiente em que são propostas ações a partir de relatos sobre o cotidiano do trabalho das iniciantes bem como suas dificuldades, dúvidas, necessidades e demandas formativas. A depender do vínculo construído entre a díade, outros recursos tecnológicos também são utilizados para as conversas e trocas, como o *WhatsApp*, *Skype*, *Google Docs*, *e-mail*, etc. Como as mentoras do PHM trabalham em locais diferentes das suas PIs e também não possuem a oportunidade de observarem as suas práticas em sala de aula, esporadicamente eram organizados encontros presenciais com a participação das díades e das pesquisadoras na universidade.

Após o estabelecimento do isolamento social em março de 2020, todos os encontros presenciais passaram a se desenvolver pelo *Skype*. Nesse sentido, o cenário da pandemia proporcionou às mentoras e à equipe de pesquisa que percebessem que se organizar, articular e propor o uso de diversos recursos tecnológicos viabiliza diferentes movimentos de interação. Assim, a utilização do AVA como principal meio de troca e a associação dele com outros recursos torna possível a presença de indivíduos (encontros síncronos) ou de seus registros (encontros assíncronos), fazendo com que o espaço virtual estabeleça-se como um ambiente de convívio, diálogos e construção do conhecimento (FERNANDES; SHERER, 2020), assim como ocorre entre mentoras e PIs.

Além dessas mudanças, a pandemia também interferiu no planejamento das ações de mentoria. Se antes as mentoras esperavam as narrativas escritas das PIs sobre o andamento de suas práticas em sala de aula, a situação agora é outra, já que elas não estão mais atuando em suas escolas. Isso fez com que as mentoras tivessem que definir novas estratégias para identificar o novo contexto enfrentado por cada iniciante e, por consequência, buscar alternativas no auxílio às suas necessidades.

A proposta deste estudo se constitui neste cenário. Apresentamos aqui a iniciativa das três mentoras da EI – Nara, Cláudia e Joana – em promover um encontro síncrono com todas as suas PIs para discutirem sobre as situações vivenciadas neste período da pandemia. Esse encontro aconteceu em maio de 2020 e contou com a participação das 10 PIs da EI participantes do PHM, sendo elas: Regina (cinco anos de docência); Rafaela (quatro anos de docência); Mariana, Tais, Aline e Luana (três anos de docência); Ana, Anita e Talita (dois anos de docência); Kátia (um ano de docência). Todas atuam em creches e pré-escolas

municipais em diferentes cidades do Estado de São Paulo. Vale ressaltar que todos os nomes das participantes são fictícios, a fim de garantir o anonimato.

Utiliza-se aqui como dados de análise o diálogo entre as mentoras via grupo no *WhatsApp* para planejar e organizar o encontro; as trocas que ocorreram entre mentoras e PIs no *Skype*; e, por fim, a reunião entre mentoras e pesquisadoras do PHM na qual Nara, Cláudia e Joana relatam sobre a motivação para terem realizado o encontro virtual com as suas PIs e as suas percepções sobre as experiências compartilhadas. Salienta-se aqui que as narrativas escritas e orais das participantes possibilitam a exploração do que os sujeitos pensam, tornando-se possível “a compreensão dos contextos e da relação de cada indivíduo com os outros” (MIZUKAMI; REALI, 2019, p.117).

Após a transcrição na íntegra das duas reuniões via *Skype* e leitura minuciosa dos relatos, foram selecionados trechos que contemplassem aspectos relativos ao objetivo do presente trabalho. Os dados foram organizados conforme os conteúdos tratados nas duas reuniões, considerando para isso sentimentos, dificuldades e tensões enfrentadas pelas PIs e pelas mentoras na docência no período da pandemia; as propostas pedagógicas desenvolvidas na EI diante do distanciamento social; avaliação das mentoras sobre o encontro realizado.

#### 4. Docência na EI e os Desafios da Pandemia

O fechamento das escolas fez com que os sistemas educativos reagissem imediatamente para conseguir se adequar a esta nova situação (BECA; BOER, 2020). A reorganização do calendário escolar, a proposta curricular, o atual formato do ensino, os novos ambientes estabelecidos para troca entre professores, crianças e suas famílias, provocou aos profissionais da educação – docentes, formadores, coordenadores, gestores – muitas incertezas.

Claramente essa situação também interferiu no trabalho desenvolvido pelas mentoras Joana, Nara e Cláudia, mesmo possuindo mais de 20 anos de carreira na EI e cerca de três anos de atuação no PHM. Nas reuniões virtuais realizadas semanalmente pelo *Skype* com a equipe de pesquisadoras da UFSCar, elas compartilharam suas dúvidas tanto no que diz respeito ao trabalho pedagógico na EI - relativo a ensinar crianças pequenas remotamente - quanto ao desenvolvimento das ações de auxílio às PIs neste período delicado - referente ao processo de ensinar a ensinar. Ao enfrentar essas dificuldades, Cláudia faz o seguinte questionamento: “Como podemos ajudar as PIs em tempos de pandemia, se tudo é novo para nós também?” (Reunião por *Skype* com a equipe do PHM, 13/05/2020).

Devido às modificações no trabalho docente na Educação Básica, o cenário atual exigiria uma reorganização das ações de mentoria: “[Eu acho que] vai tomar um novo formato, porque ninguém esperava essa pandemia. A gente vinha trabalhando de um jeito, agora a gente vai ter que reinventar, porque elas [PIs] não estão em sala de aula” (Mentora Cláudia - Reunião por *Skype* com a equipe do PHM, 13/05/2020). Buscando construir ações de mentoria adequadas a essa nova realidade, as mentoras Cláudia e Nara tiveram a ideia de realizar um encontro síncrono com as PIs, a princípio via *Google Meet*, e compartilharam essa sugestão em um grupo do *WhatsApp* com a mentora Joana: “estamos pensando em elaborar uma atividade no *Google Meet*, um diálogo sobre os novos rumos da educação. Pensamos no *Google Meet* para proporcionar um encontro das PIs” (Mentora Cláudia - 06/05/2020 - *WhatsApp*). Joana gostou da ideia e confirmou a sua participação. Em decorrência de algumas dificuldades quanto à gravação no *Google Meet*, as mentoras optaram pelo *Skype* – programa que já estavam acostumadas devido às reuniões semanais do PHM.

Para a realização do encontro, as mentoras convidaram duas pesquisadoras do programa para participarem - uma tutora virtual e uma professora da universidade. Também tiveram a ideia de oferecer previamente um texto às PIs que abordasse sobre a educação nos tempos de pandemia. O intuito era possibilitar que as iniciantes refletissem sobre as suas experiências profissionais neste momento atual.

Nara sugeriu a leitura do texto “Escolas na quarentena: quando a distância desafia a educação” (CALGARO, 2020), o qual foi aceito pelas outras mentoras: “Temos que avisar as PIs! Ficamos de compartilhar o texto com elas. Achei bacana esse texto” (Mentora Joana - 07/05/20 - *WhatsApp*).

Após essa conversa no *WhatsApp*, as mentoras criaram uma atividade no AVA para as PIs, a fim de oferecer maiores informações sobre o encontro. Na comanda dessa atividade, elas também disponibilizaram o link do texto e solicitaram que as iniciantes fizessem registros de suas impressões, questionamentos, incômodos, dúvidas a partir da leitura do material: “Anotar pontos que te incomodam ou harmonizem com o seu pensamento atual. Escreva questionamentos daquilo que não entende, mas gostaria de discutir. Faça questões de pontos de vista defendidos por você e contrários que surjam no texto” (Trecho retirado da comanda da atividade no AVA).

O encontro organizado pelas mentoras tinha como objetivo discutir as dificuldades que as PIs estavam enfrentando no período da pandemia e quais medidas as escolas estavam adotando: “a gente pensou nessa reunião para reunir as PIs e elas trazerem os problemas que estão enfrentando. A ideia foi reunir todas e ver como cada cidade está implementando [as adaptações das rotinas escolares]” (Mentora Cláudia - Reunião por *Skype* com a equipe do PHM, 13/05/2020). A ideia de promover essa troca entre as participantes, proporcionada por meio de um recurso virtual, parece ter sido importante ao considerarmos que “os professores atuam num mundo dominado pela mudança, incerteza e complexidade crescentes, cujas situações e problemas não são solucionáveis com a simples aplicação de conhecimentos técnico-teóricos disponíveis” (MIZUKAMI; REALI, 2019, p.120). Ademais, pensando nessas situações vivenciadas pelos professores, faz-se necessário que as mentoras realizem, juntamente com as PIs, um diagnóstico das condições de atuação dos seus contextos de trabalho para que possam construir aprendizagens profissionais a partir dessa realidade (BECA e BOER, 2020).

O texto lido pelas PIs foi o principal desencadeador de diferentes questões que ampliaram a discussão sobre a atuação docente na EI em tempos de pandemia. As iniciantes compartilharam suas percepções sobre o material, os seus sentimentos diante do distanciamento social bem como as repercussões no trabalho:

O texto traduz bastante o que sinto atualmente [...] muitas vezes me sinto impotente, incompetente, incapaz na vida profissional diante da atual situação que estamos vivendo (PI Tais - Encontro com mentoras via *Skype* - 12/05/2020)

A frase [do texto] que me saltou aos olhos foi: “não estamos conseguindo” (PI Regina - Encontro com mentoras via *Skype* - 12/05/2020)

O texto trata também do quanto, neste momento, estamos aprendendo a conviver num contexto nunca antes pensado e ter que lidar com os nossos dias de quarentena compõe uma experiência e tanto de vida, tanto para as crianças como para as famílias. (PI Talita - Encontro com mentoras via *Skype* - 12/05/2020)

Um dos fatores que gera angústias nas PIs é a relação do ensino remoto com a EI, uma vez que elas relatam não saberem como replanejar e/ou adaptar suas ações educativas para o contexto de ensino a distância, tendo em vista as especificidades da educação voltada para crianças pequenas:

A angústia é a cobrança dos pais para enviar atividades EAD para as crianças na EI, sabendo que não é isso o que se espera para essa faixa etária... e sim o vínculo... (PI Aline - Encontro com mentoras via *Skype* - 12/05/2020)

Como adaptar o planejamento dos professores e encontrar uma metodologia digital ideal? (PI Rafaela - Encontro com mentoras via *Skype* - 12/05/2020)

Não existe metodologia EAD ideal para a EI visto que os eixos norteadores são as interações e as brincadeiras (PI Kátia - Encontro com mentoras via *Skype* - 12/05/2020)

Para a EI é mesmo muito difícil adaptar jogos e brincadeiras em EAD. Onde muitos pais julgam que eles estão tendo que trabalhar no nosso lugar (PI Luana - Encontro com mentoras via *Skype* - 12/05/2020)

Esses apontamentos possuem fundamento, pois o trabalho pedagógico na EI visa promover o desenvolvimento da criança de maneira que envolva “o exercício de sua capacidade criadora e sensorial e o estímulo às suas diferentes formas de linguagens [...] e expressividades” (MASCIONI, 2015, p.64). Ademais, também se reconhece que ensinar adultos a distância é diferente de ensinar crianças virtualmente, já que este não é um modelo recomendado para a primeira infância por razões pedagógicas e de saúde (Comitê Científico do Núcleo Ciência Pela Infância, 2020). Nota-se, portanto, que os professores estão diante de um desafio novo, prático e imediato relativo a como continuar trabalhando com as crianças pequenas durante a pandemia, e isso gera muitas inquietações (KRAMER, 2020).

A respeito disso, a PI Rafaela também compartilha suas angústias, dúvidas e questionamentos:

Os professores não tiveram tempo para se preparar em uma situação como essa hoje. Me chamou muito a atenção como nós estamos tão despreparados, muitos professores não sabem lidar com as tecnologias. [...] A gente não foi preparado. [...] O que tem sido feito pelo governo federal, em termos de educação no panorama da pandemia, para não reforçar a desigualdade social? (PI Rafaela - Encontro com mentoras via *Skype* - 12/05/2020)

Observa-se, portanto, que ao mesmo tempo em que a *internet* e os recursos tecnológicos se mostraram ferramentas importantes para minimizar o isolamento causado pela pandemia, em contrapartida esta situação evidenciou também as desigualdades sociais do contexto brasileiro presentes na diferença entre a escola pública e particular, na falta de acesso dos estudantes a celulares, computadores, TV, *internet*, etc. (KOHAN, 2020). Isto é, “por mais contraditório que possa parecer, a mesma tecnologia que viabiliza o progresso [...] também tem um grande potencial para alargar as distâncias existentes entre os mundos dos incluídos e dos excluídos.” (SILVA, 2011, p.539). Assim, as atividades educativas vêm sendo realizadas de maneira virtual e remota por meio das tecnologias digitais e, mesmo assim, de forma precária e com dificuldades por parte das crianças, seus familiares e dos próprios professores.

Nesse sentido, para a PI Kátia, o cenário atual demonstrou tanto a necessidade de se incorporar as novas tecnologias à educação quanto o reconhecimento da importância do papel do professor: “Para mim, fica a lição de que precisamos aprender mais sobre tecnologia e inseri-la no contexto escola e a certeza de que nada substitui o professor presencialmente na educação básica” (Kátia- Encontro com mentoras via *Skype* - 12/05/2020). É possível perceber que o relato é coerente com as concepções de Kohan (2020), que acredita que os professores não podem ser substituídos por recursos tecnológicos ou por pessoas que não estejam preparadas para lidar com o ensino. Nesse sentido, é necessário que a instituição educativa tenha um espaço próprio, separado de outras instâncias sociais, em que seja possível fazer escola com corpos presentes e com docentes bem formados. Por outro lado, a necessidade urgente na utilização dos recursos tecnológicos neste período de pandemia demonstrou o quanto o campo educacional ainda está distante das possibilidades oferecidas pelas tecnologias. O cenário atual proporcionou a experimentação

de recursos que não eram frequentemente utilizados na EI seja pela crença de que as crianças possam causar algum tipo de dano nos aparelhos ou pelo receio na substituição das relações interpessoais por virtuais ou, ainda, pela falta de formação dos professores desta etapa para conseguirem planejar um trabalho pedagógico adequado às crianças pequenas com o uso das TDIC (Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação) (ANJOS, 2015).

Apesar de não ser viável desenvolver um trabalho pedagógico na EI de maneira remota, o distanciamento social abriu uma possibilidade de pensarmos em como poderemos construir, pós-pandemia, momentos educativos voltados para crianças pequenas com a integração das tecnologias. Neste sentido, Anjos (2015) apresenta a possibilidade de se trabalhar com o lúdico por meio do uso de recursos tecnológicos como os jogos eletrônicos, por exemplo. Não se trata de substituir as atividades lúdicas presenciais por jogos digitais, mas sim em perceber que crianças são capazes de lidar tanto com as brincadeiras populares quanto com as do universo digital. “A relação não é, portanto, de substituição de uma experiência lúdica por outra, mas de ampliação e de complementaridade” (ANJOS, 2015, p. 215).

Apesar das dificuldades já citadas, observa-se um esforço da maioria das professoras em tentar manter algum tipo de contato com as crianças e suas famílias, bem como proporcionar atividades adequadas à EI a distância. Assim, algumas PIs compartilharam as suas experiências profissionais em tempos de pandemia. Kátia trabalha em uma cidade do interior, onde as crianças são - em sua maioria - da zona rural. Ela relata que a prefeitura decidiu enviar apostila de atividades para as crianças da pré-escola, sendo que o material foi elaborado para a duração de um mês. Talita revela que, na rede de ensino da cidade onde trabalha, a dinâmica consiste em estabelecer contato com as famílias para manter vínculos. Regina afirma que não tem contato algum com as crianças porque, segundo ela, a interrupção das aulas foi abrupta e sem qualquer direcionamento. Ana também vivencia situação semelhante: a sua instituição não manteve nenhum vínculo com as famílias e, de acordo com a rede, a situação somente será resolvida quando voltarem para a escola. Já a PI Rafaela conta que ela precisa fazer vídeos e publicar na página do *Facebook* da escola:

Bom, eu preciso fazer vídeos toda semana com alguma brincadeira e disponibilizar na página do *Facebook* da escola [...] Eu coloco vídeos e os pais realizam as brincadeiras, mandam para nós. Mas, muitas vezes, não são as minhas crianças que estão fazendo as brincadeiras. (PI Rafaela - Encontro com mentoras via *Skype* - 12/05/2020)

A mentora Joana também decidiu compartilhar de que maneira tem lidado com a educação remota na EI, apresentando as suas dificuldades:

Eu montei um grupo com os pais das minhas crianças. Eu passo para as crianças algumas músicas, compartilho histórias, e eu tenho uma devolutiva delas em relação a isso. Mas não é nada obrigatório. (Mentora Joana - Encontro com mentoras via *Skype* - 12/05/2020)

[...] tem algumas coisas que preocupa, porque nem todos os pais têm acesso à internet. Eu tenho quatro pais que não têm acesso. E eu tenho mãe analfabeta. Então no grupo as mensagens são sempre mensagens de voz. (Mentora Joana - Encontro com mentoras via *Skype* - 12/05/2020)

Percebe-se que diferentes estratégias estão sendo adotadas por redes de ensino, instituições de EI e pela iniciativa das próprias professoras em busca de manter algum tipo de relação entre as crianças e as escolas, seja por meio do envio de material didático para os pequenos; postagens de vídeos em redes sociais; propostas de brincadeiras; construção de grupos de *WhatsApp*. Porém, em todas essas alternativas há prós e contras, principalmente quanto ao fato de nem todas as famílias terem acesso aos recursos

tecnológicos e/ou *internet*. Outra dificuldade levantada pela PI Rafaela se refere ao fato de o professor não estar na casa das crianças podendo auxiliá-las nessas atividades. A iniciante faz, portanto, a seguinte reflexão: “[...] mesmo que esses materiais cheguem [materiais fornecidos pelo governo], quem está auxiliando essas crianças nessas atividades? Muitos pais estão trabalhando” (Rafaela - Encontro com mentoras via *Skype* - 12/05/2020). A respeito dessas reflexões, a mentora Cláudia faz a seguinte recomendação: “Precisamos ter o cuidado para não aumentar as desigualdades e o estresse nas famílias” (Mentora Cláudia - Encontro com mentoras via *Skype* - 12/05/2020)

O alerta levantado pela PI Rafaela e pela mentora Cláudia é bastante pertinente, já que as crianças não estão sendo afetadas apenas com o fato de as escolas estarem fechadas: há ainda diversos outros fatores sociais que impactam diretamente o ambiente familiar. Kramer (2020) salienta que as crianças estão tendo que lidar com os pais, mães, avós, tios trabalhando em casa e, portanto, não estarem conseguindo destinar tempo e atenção para os pequenos. Por outro lado, a autora também afirma que os responsáveis que continuam trabalhando fora de casa têm que deixar as crianças sob a responsabilidade de outros adultos. Há ainda famílias que perderam os seus empregos e estão passando necessidades. Todas essas mudanças na rotina, tempo, relações, provocadas pela pandemia estão causando grande estresse no ambiente familiar. Neste sentido, compreende-se que “os adultos podem até passar mais tempo em casa, mas o nível mais elevado de angústias e preocupações tende a prejudicar a qualidade das interações” (Comitê Científico do Núcleo Ciência Pela Infância, 2020, p.20).

Para tentar auxiliar as PIs a refletirem sobre o trabalho adotado em cada rede de ensino, a mentora Joana sugere que a forma como os professores vão lidar com o ensino remoto na EI deriva do que a instituição compreende sobre ser criança e infância. Dependendo da concepção, o trabalho será mais voltado para a realização de atividades lúdicas ou, por outro lado, de atividades mais relacionadas com a escrita (como material apostilado, por exemplo): “A gente tem que ver qual a concepção dessa escola, do que é ser criança, de como a criança aprende. Partindo desses princípios, é que eles vão orientando o trabalho deles” (Mentora Joana - Encontro com mentoras via *Skype* - 12/05/2020). A afirmação realizada pela mentora é coerente com o que diz Kramer (2020): cada instituição de ensino está se dirigindo de diferentes maneiras às famílias e as crianças, dependendo do referencial de educação, bem como concepção de criança, infância e compreensão de mundo. Isso poderia explicar a razão pela qual professores estariam realizando vídeos, materiais e atividades que não deveriam estar fazendo.

Ao final do encontro virtual, as PIs e mentoras relataram suas impressões, revelando que o compartilhamento de sentimentos e de apoio entre docentes minimizou suas angústias.

Foi ótimo saber que eu posso partilhar os sentimentos e encontrar outras que estão sentindo o mesmo (PI Regina - Reunião por *Skype* com a equipe do PHM, 13/05/2020)

Saber que estamos com as mesmas angústias e não estamos sozinhas (PI Anita - Reunião por *Skype* com a equipe do PHM, 13/05/2020)

É bom saber que estamos todos no mesmo barco, compartilhando dos mesmos sentimentos (PI Tais - Reunião por *Skype* com a equipe do PHM, 13/05/2020)

Eu estava aflita por não dar conta de tudo e essa aula me ajudou a pensar nessas questões. Foi muito bom poder partilhar esses sentimentos (PI Rafaela - Reunião por *Skype* com a equipe do PHM, 13/05/2020)

As angústias colocadas aqui no grupo são nossas também enquanto professoras. Estamos também aprendendo a mexer com a tecnologia, a gente também está angustiada com o que vai fazer no nosso município, de que forma vamos trabalhar no retorno. Essas também são angústias

nossas. Acho que quanto mais rodas de conversas a gente fizer, mais conseguimos acalmar nossos corações, pois não estamos sozinhos. (Mentora Joana - Reunião por *Skype* com a equipe do PHM, 13/05/2020)

É possível perceber que as trocas entre pares são de grande valia para que docentes - iniciantes ou experientes - possam aprender conjuntamente. “Numa cultura colaborativa, professores experientes e iniciantes que trabalham em conjunto e trocam ideias sobre problemas reais colocam sua base de conhecimento comum em ação e vivenciam relações recíprocas entre teoria e prática” (MIZUKAMI; REALI, 2019, p. 120). Assim, o relato da mentora Joana - em especial sugerindo que fossem realizadas mais conversas entre as participantes - mostra a importância de se criar espaços em que é possível que docentes realizem trocas de sentimentos, experiências, ideias e apoio.

Após o encontro realizado com as PIs, as mentoras Nara, Cláudia e Joana tiveram a oportunidade de compartilhar as suas impressões e avaliação sobre o desenvolvimento dessa experiência na reunião por *Skype* com o grupo de pesquisa do PHM. As formadoras, portanto, revelaram que muitas das dúvidas sentidas pelas PIs também são vivenciadas por elas mesmas, como o uso dos recursos tecnológicos para tentar manter contato com as crianças e seus familiares:

Todas as angústias que elas [PIs] trouxeram são também as nossas angústias, porque eu mesma montei na semana passada um grupo de *WhatsApp* com os pais. E eu tenho duas crianças que estão de fora, uma é da periferia e não tem celular e outra eu não consegui acesso a ela ainda. Então para mim também é novo. Eu estou pensando: o que eu vou colocar nesse grupo? Como vou agir? O que eu vou levar para esses pais? (Mentora Cláudia - Reunião por *Skype* com a equipe do PHM, 13/05/2020).

Os sentimentos são os mesmos da gente e da professora. Essa necessidade que a gente está tendo agora de aprender coisas diferentes com relação à tecnologia. E a dificuldade dos pais no acesso a essa tecnologia e como usar isso na EI (Mentora Joana - reunião por *Skype* com a equipe do PHM, 13/05/2020).

Estamos repensando como ser professora e mentora em tempos de pandemia! [...] Usamos e tentamos de tudo um pouco com as tecnologias! (Mentora Nara - Reunião por *Skype* com a equipe do PHM, 13/05/2020).

Assim como demonstra os relatos acima, o uso das tecnologias tem sido uma pauta recorrente. Observa-se, assim, que mesmo possuindo familiaridade com o uso de determinados recursos tecnológicos (*Skype*, *Google Docs*, *Moodle*, dentre outros) por utilizá-los no PHM, durante a pandemia, as mentoras vêm enfrentando o desafio de auxiliar crianças e suas famílias a lidarem com as tecnologias. Tal condição é essencial para continuar em contato e propor atividades educativas adequadas para crianças pequenas.

Em geral, a reunião entre mentoras, PIs da EI e duas das pesquisadoras do PHM foi, segundo as mentoras, produtiva:

Mas uma coisa que eu achei muito legal ao término foi de que todo mundo falou que foi muito bom conversar, foi muito bom ver que outras pessoas também passam pelas mesmas dificuldades, foi muito bom ver como outras pessoas estão pensando sobre essa questão, que bom saber que eu não estou sozinha. [...] Eu acho que foi muito produtiva (Mentora Nara - reunião por *Skype* com a equipe do PHM, 13/05/2020).

[...] Foi muito boa. Enriqueceu ainda mais o nosso trabalho ao conseguir reuni-las dessa forma no Skype a distância, porque cada uma é de uma cidade. Foi uma forma que a gente encontrou de estar reunindo elas, de estar conversando, debatendo. [...] Tomara que venham outras. (Mentora Cláudia - reunião por *Skype* com a equipe do PHM, 13/05/2020)

Observa-se que a iniciativa do grupo de mentoras viabilizou um espaço para as PIs expressarem como estão se sentindo durante esse período. Essa troca faz com que as professoras sintam-se menos sozinhas ao perceberem que seus sentimentos são comuns a outros docentes. A reunião também serviu para que mentoras e PIs compartilhassem sobre como têm realizado atividades educativas à distância. Assim, a continuidade das atividades do PHM – seja tanto no acompanhamento às mentoras como às PIs – vem demonstrando a importância de uma rede de apoio aos professores da Educação Básica quanto ao enfrentamento das dificuldades provenientes do início da carreira e, mais ainda, daquelas derivadas da pandemia da COVID-19.

## 5. Considerações finais

Vivemos um período de paradoxos na educação. A tecnologia se mostra uma grande aliada nos processos de ensino e aprendizagem, porém a pandemia também deixou mais evidente as desigualdades no Brasil: enquanto o governo providencia aulas remotas, muitas das crianças não têm acesso à *internet* e outros recursos tecnológicos.

Já a EI se torna palco de dificuldades adicionais. Se a base das práticas pedagógicas é a interação, como promover uma educação a distância para crianças de 0 a 5 anos e 11 meses de idade? Estamos diante de uma situação crítica que nos faz pensar sobre o ser professor e o fazer docente em um contexto que obriga o distanciamento físico de professores, crianças e suas famílias.

Pesquisas recentes sobre a pandemia e o isolamento social têm demonstrado um aumento do estresse e intensificação de sentimentos como medo, desamparo, ansiedade e depressão entre as pessoas (Comitê Científico do Núcleo Ciência Pela Infância, 2020). Sintomas semelhantes também foram relatados pelas mentoras e suas PIs, principalmente no que diz respeito à angústia referente a não saberem como continuar desenvolvendo as atividades pedagógicas.

É importante deixar claro que, por enfrentar pela primeira vez uma crise de saúde mundial, professores e pesquisadores ainda estão construindo novos conhecimentos sobre a educação em tempos de pandemia. Neste sentido, não há respostas prontas para as situações desafiadoras vivenciadas por Cláudia, Joana, Nara e suas PIs. Pelo contrário, as dificuldades, dúvidas e inseguranças destas e de tantas outras professoras oferecem pistas para novos caminhos que podem trilhar e seguir. Dentro das possibilidades de atuação, essas professoras experientes e iniciantes demonstraram iniciativas em manter contato com as crianças e suas famílias por meio, principalmente, das redes sociais, espaço que vêm utilizando para propor atividades e manter vínculos.

O distanciamento social demonstrou o quanto a tecnologia estava desvinculada do trabalho pedagógico na Educação Básica, fato também observado pela falta de familiaridade de algumas professoras no uso de diferentes recursos digitais com finalidade educativa. Ademais também pode-se perceber, pelos relatos das mentoras, as quais já estavam acostumadas a utilizar recursos tecnológicos em processos formativos, que saber ensinar adultos a ensinar de maneira virtual é muito diverso de ensinar crianças. Desta forma, o cenário atual pôde proporcionar aprendizagens sobre novas maneiras de se pensar a docência e as tecnologias relacionadas à educação de crianças pequenas. O ensino remoto abriu portas para que

docentes possam considerar a utilização de recursos tecnológicos atrelados às suas práticas de ensino, mostrando ser uma possibilidade de ação até mesmo para os tempos pós-pandemia.

No caso dos encontros virtuais no PHM, percebe-se que mesmo distantes fisicamente, as professoras experientes e iniciantes demonstraram a necessidade e importância de se ter um espaço para dialogarem sobre as suas experiências e receberem apoio. Assim, a solidão no trabalho docente pode ser superada por meio de aprendizagens que se fazem por trocas, compartilhamento de sentimentos e pertença a um grupo. Tal fato reitera a relevância de iniciativas que reúnam professores em diferentes etapas da carreira para participarem de conversas sistemáticas e com foco formativo na escola.

## Referências

- ALMEIDA et al.. As pesquisas sobre professores iniciantes: uma revisão integrativa. **Revista Eletrônica de Educação**, São Carlos, v.14, 1-23, jan./dez. 2020. Disponível em: <http://www.reveduc.ufscar.br/index.php/reveduc/article/view/4152/1079>. Acesso em: 20 out. 2020.
- ANDRÉ, M. E. D. et al. O trabalho docente do professor formador no contexto atual das reformas e das mudanças no mundo contemporâneo. **Rev. Bras. Est. Pedag.**, Brasília, v. 91, n. 227, p. 122-143, jan./abr. 2010. Disponível em: <http://rbepold.inep.gov.br/index.php/rbep/article/view/606/587>. Acesso em: 20 out. 2020.
- ANJOS, C. I.. **Tatear e desvendar**: um estudo com crianças pequenas e dispositivos móveis. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Federal de Alagoas. Centro de Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação. Maceió, 2015.
- BECA, C. E.; BOERR, I. Políticas de inducción a profesores noveles: experiencia chilena y desafíos para América Latina. **Revista Eletrônica de Educação**, São Carlos, v.14, 1-23, jan./dez. 2020. Disponível em: <http://www.reveduc.ufscar.br/index.php/reveduc/article/view/4683>. Acesso em: 20 out. 2020.
- BRASIL. Ministério da Educação (MEC). **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil** (DC-NEI). Brasília, DF. 2009.
- BRITO, J. M. da S.. A Singularidade Pedagógica do Ensino Híbrido. **EaD em Foco**, V. 10, e948, 2020. Disponível em: <<https://eademfoco.cecierj.edu.br/index.php/Revista/article/view/948/537>>. Acesso em: novembro de 2020.
- CALGARO, S. Escolas na quarentena: quando a distância desafia a educação. **Lunetas**, São Paulo, 30 de abril de 2020. Disponível em: <<https://lunetas.com.br/escolas-na-quarentena/>> Acesso em: novembro de 2020.
- Comitê Científico do Núcleo Ciência Pela Infância. **Edição Especial**: Repercussões da Pandemia de COVID-19 no Desenvolvimento Infantil, 2020. Disponível em: <https://ncpi.org.br/publicacoes/wp-pandemia/>. Acesso em: 20 out 2020
- FERNANDES, F. F.; SCHERER, S. Constituição de Um Ambiente Virtual de Aprendizagem: Uma Disciplina, Espaços Virtuais, Interações. **EaD em Foco**, V. 10, e996, 2020. Disponível em: <<https://eademfoco.cecierj.edu.br/index.php/Revista/article/view/996/523>>. Acesso em: 01 nov de 2020.
- KOHAN, W. O.. Tempos da escola em tempo de pandemia e necropolítica. **Práxis Educativa**, Ponta Grossa, v. 15, p. 1-9, 2020. Disponível em: <https://revistas2.uepg.br/index.php/praxiseducativa/article/view/16212/209209213391>. Acesso em: 20 out. 2020.

- KRAMER, S.. Entrevista - "Precisamos estar preparados para brincar muito". [Entrevista concedida a NASCIMENTO, A.; SALUTTO, N.; BARBOSA, S. N. F.]. **Revista Interinstitucional Artes de Educar**. Rio de Janeiro, V. 6, N.2, p. 775-791, 2020. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/riae/article/view/51073>. Acesso em: 20 out 2020
- LIMA, E. F. de. A construção do início da docência: reflexões a partir de pesquisas brasileiras. **Educação**, Santa Maria, v. 29, n. 2, p. 85-98, 2004.
- MACEDO, N.; PESSANHA, F.; ALENCAR, C.. Escola da pequena infância e alguns paradoxos no contexto da pandemia da COVID-19. **Olhar de professor**, Ponta Grossa, v.23, p. 1-6, e-20, 2020. Disponível em: <https://revistas2.uepg.br/index.php/olhardeprofessor/article/view/16035/209209213643>. Acesso em: 20 out. 2020.
- MASCIOLI, S. As propostas e o trabalho pedagógico com as múltiplas linguagens curriculares na Educação Infantil. In: SOMMERHALDER, A. (org). **A Educação Infantil em perspectiva: fundamentos e práticas docentes**. São Carlos: EDUFSCar, 2015.
- MIZUKAMI, M. G. N. et al. **Escola e aprendizagem da docência: processos de investigação e formação**. São Carlos: EdUFSCar, 2010.
- MIZUKAMI, M. G.; REALI, A. M.. Aprender a ser mentora: um estudo sobre reflexões de professoras experientes e seu desenvolvimento profissional. **Currículo sem Fronteiras**, v. 19, n. 1, p. 113-133, 2019. Disponível em: [www.curriculosemfronteiras.org/vol19iss1articles/mizukami-reali.pdf](http://www.curriculosemfronteiras.org/vol19iss1articles/mizukami-reali.pdf). Acesso em: 02 nov 2020.
- REALI, A. M. M. R.; TANCREDI, R. M.; MIZUKAMI, M. G. Programa de mentoria online: espaço para o desenvolvimento profissional de professoras iniciantes e experientes. **Educação e Pesquisa**, v.34, n.1; p.77-95, 2008. Disponível em: [https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1517-97022008000100006&script=sci\\_abstract&tlng=pt](https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1517-97022008000100006&script=sci_abstract&tlng=pt). Acesso em: 02 nov 2020
- RONDINI, C. A., PEDRO, K. M.; DUARTE, C. dos S. Pandemia do COVID-19 e o ensino remoto emergencial: mudanças na práxis docente. **Interfaces Científicas - Educação**, 10(1), 2020, p. 41-57. Disponível em: <https://doi.org/10.17564/2316-3828.2020v10n1p41-57>>. Acesso em: 02 nov 2020.
- SILVA, A. C. Educação e tecnologia: entre o discurso e a prática. **Ensaio: aval. pol. públ. Educ.**, Rio de Janeiro, v.19, n.72, Jul/Set. 2011. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/ensaio/v19n72/a05v19n72.pdf>. Acesso em: 02 nov 2020
- VAILLANT, D.; MARCELO, C. **El ABC y D de la formación docente**. Madrid: Narcea, 2015.